

RISCOS de DESASTRES RELACIONADOS À ÁGUA

**Aplicabilidade de bases conceituais das
Ciências Humanas e Sociais
para a análise de casos concretos**



**Antenora Siqueira
Norma Valencio
Mariana Siena
Marco Antonio Malagoli
(Organizadores)**

RiMa

O que têm a dizer profissionais do meio técnico e científico, lideranças comunitárias e de movimentos sociais sobre os desastres quando suas práxis se fazem para além do imediatismo e da superficialidade com que geralmente nos são apresentados estes eventos?

Reunidos ao redor do “Seminário Internacional Riscos de Desastres relacionados à água: aplicabilidade de bases conceituais das Ciências Humanas e Sociais para a análise de casos concretos” os autores buscaram contribuir para o resgate de horizontes ainda pouco explorados, esquecidos ou até mesmo obstaculizados em nossas tradições culturais e institucionais voltadas a esta temática.

Ao fazê-lo, tiveram que superar as abordagens convencionais dominantes que geralmente priorizam dimensões economicistas, biofísicas, dicotômicas, autocráticas, cientificistas, objetivistas ou de curtíssimos horizontes temporais. Como se vê, o desafio lançado aos autores (e a todos nós, cidadãos) não é pequeno, e se apresenta mais como “porto de partida” do que “ponto de chegada”, pois aciona maior preocupação

Riscos de Desastres Relacionados à Água

Aplicabilidade de bases conceituais das Ciências
Humanas e Sociais para a análise de casos concretos



Antenora Siqueira
Norma Valencio
Mariana Siena
Marco Antonio Malagoli
(organizadores)

RiMa

2015

© 2015 dos autores

Direitos reservados desta edição

RiMa Editora

Capa e ilustrações de abertura dos capítulos

Tiago Eugenio dos Santos

Luiz Felipe Bezerra de Souza Barros

Ebbios

R595r Riscos de desastres relacionados à água: aplicabilidade de bases conceituais das Ciências Humanas e Sociais para a análise de casos concretos / organizado por Antenora Siqueira, Norma Valencio, Mariana Siena e Marco Antonio Malagoli – São Carlos: RiMa Editora, 2015.

528 p. il.

ISBN – 978-85-7656-037-1 - e-book

1. Sociologia dos desastres. 2. riscos socioambientais.
3. conflitos sociais. 4. mudanças climáticas. 5. defesa civil.
6. proteção civil. 7. questão social. 8. vulnerabilidade. 9. água.
I. Autor. II. Título.

COMISSÃO EDITORIAL

Dirlene Ribeiro Martins

Paulo de Tarso Martins

Carlos Eduardo M. Bicudo (Instituto de Botânica - SP)

Evaldo L. G. Espíndola (USP - SP)

João Batista Martins (UEL - PR)

José Eduardo dos Santos (UFSCar - SP)

Michèle Sato (UFMT - MT)

RiMa

Rua Virgílio Pozzi, 213 – Santa Paula

13564-040 – São Carlos, SP

Fone/Fax: (16) 32019169

Sobre os autores

Alessandra Nascimento Bernardo: Graduanda do curso de Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense. Membro do Núcleo de Pesquisas e Estudos Socioambientais (NESA/UFF Campos). Técnica em Meio Ambiente pelo Instituto Federal Fluminense (IFF). E-mail: ale.nbernardo@gmail.com

Aline Silveira Viana: Gerontóloga pela UFSCar. Mestre em Ciências - Programa em Ciências da Engenharia Ambiental pela USP. Especialista em Informática em Saúde pela UNIFESP. Graduanda em Serviço Social pela UNIP. Foi membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais em Desastres (NEPED/UFSCar). Foi membro do Grupo de Pesquisa Saúde e Envelhecimento (UFSCar). Membro associado da Associação Brasileira de Gerontologia. E-mail: aline_geronto@hotmail.com

Antenora Maria da Mata Siqueira: Assistente Social, mestre em Ciências Sociais e doutora em Engenharia Agrícola/Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável. Professora do Departamento de Serviço Social de Campos da Universidade Federal Fluminense, onde fundou e coordena o Núcleo de Pesquisas e Estudos Socioambientais (NESA). É professora do Programa de Pós-Graduação em Defesa e Segurança Civil e coordenadora/professora da PGLS em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional. E-mail: antenorams@gmail.com

Antônio Miguel Vieira Monteiro: Graduado em Engenharia Elétrica (UFES), mestre em Computação Aplicada (INPE) e doutor em Engenharia Eletrônica e Controle/Ciência da Computação (University of Sussex). Desde abril de 1985 atua na Divisão de Processamento de Imagens (DPI) do INPE em atividades de pesquisa e desenvolvimento nas áreas de Geoprocessamento, Sensoriamento Remoto, Geotecnologias em Estudos Urbanos, Bancos de Dados Geográficos e Engenharia de Sistemas. E-mail: miguel@dpi.inpe.br

Arthur Soffiati: Graduado em História pela Faculdade de Filosofia de Campos (1973), mestrado em Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1996) e doutorado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001). Atualmente é professor associado aposentado da Universidade Federal Fluminense. Tem experiência na área de História Social, com ênfase em História Ambiental. E-mail: as-netto@uol.com.br

Cláudia Paola Cardozo: Bacharel e licenciada em Ciências Biológicas (Universidade Nacional de Salta - UNSa, Argentina). Mestre em Aplicações Espaciais de Alerta e Resposta a Emergências (Comissão Nacional de Atividades Espaciais, Argentina). Entre 2005-2010 foi pesquisadora do Instituto de Ecologia y Médio Ambiente Humano (INEAH - UNSa, Argentina). Entre 2008-2010, foi professora assistente em Ecologia (UNSa, Argentina). Atualmente é doutoranda em Sensoriamento Remoto (INPE-Brasil). E-mail: paola@dpi.inpe.br

Cláudio Carneiro: Membro da Diretoria da AVIT - Associação das Vítimas das Chuvas de Teresópolis (RJ). E-mail: claudio.carneiro@controplan.com.br

Davi Barbosa do Nascimento: Presidente da Associação de Pequenos Produtores Rurais de Marrecas e Babosa, Campos dos Goytacazes (RJ). E-mail: davidrins@hotmail.com

Dora Vargas: Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1992), mestre em Planejamento Urbano e Regional pelo Instituto de Pesquisa e Pla-

nejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2006) e doutora em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (2013). Atualmente é professora do Curso de Serviço Social da Universidade Salgado de Oliveira de Juiz de Fora (MG) e assistente social efetiva da Prefeitura de Juiz de Fora. E-mail: doravargas@uol.com.br

Edison Pessanha Braga: Bombeiro militar desde 1977. Comandante dos Destacamentos de Bombeiros dos municípios de Itaocara e São João da Barra entre 2001-2002. Diretor do Departamento de Defesa Civil da Prefeitura de Campos dos Goytacazes entre 2006-2008. Subsecretário municipal de Defesa Civil em Campos dos Goytacazes entre 2008-2015. Atualmente é diretor executivo da Coordenadoria Municipal de Defesa Civil em Campos dos Goytacazes. E-mail: edisonpbraga@yahoo.com.br

Eymar Silva Sampaio Lopes: Graduado em Engenharia Geológica pela Universidade Federal de Ouro Preto (1990), mestrado em Sensoriamento Remoto pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (1994) e doutorado em Geociências e Meio Ambiente pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2006). Atualmente é auxiliar de pesquisa do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. Coordena o projeto de desenvolvimento da plataforma de monitoramento, análise e alerta a riscos ambientais (TerraMA2). E-mail: eyymar@dpi.inpe.br

Jane Nunes: Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (Faculdade de Filosofia de Campos, RJ), pós-graduada em Gestão Municipal (Fundação Getúlio Vargas). Jornalista de carreira da Prefeitura de Campos desde 1986. Entre 1988-1990, foi editora geral do jornal *Folha da Manhã*. Secretária municipal de Desenvolvimento e Promoção Social entre 1993-2004. Atualmente, é jornalista cedida à Coordenadoria Municipal de Defesa Civil de Campos dos Goytacazes. E-mail: chenunes@gmail.com

Jocimar Gonçalves Lisboa: Presidente da Associação de Moradores de Ururá, Campos dos Goytacazes (RJ). E-mail: jocimarlisboa@hotmail.com

Juliana T. Nazareno Mendes: Assistente social. Mestre em Serviço Social pela UFJF. Doutoranda em Geografia na UFF. Professora do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense. Membro do Núcleo de Pesquisas e Estudos Socioambientais (NESA/UFF). E-mail: julianatnmendes@gmail.com

Juliana Sartori: Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (2010). Graduada em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/FCL - Araraquara). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Engenharia Ambiental na Universidade de São Paulo (EESC/USP). Foi integrante do Grupo de Pesquisa "Sociedade e Recursos Hídricos" e pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais em Desastres (NEPED/UFSCar). E-mail: sartoriju@gmail.com

Layla Stassun Antonio: Cientista social (UFSCar) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Engenharia Ambiental da USP-São Carlos. Foi pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais em Desastres (NEPED) do Departamento de Sociologia da UFSCar. E-mail: stassun.layla@gmail.com

Leticia Aparecida Rocha: Pedagoga (PUC-MINAS, 2009). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social da Unimontes. Documentarista do Centro de Documentação Dom Tomás Balduino (CPT/MG). Assessora do Movimento dos Pescadores Artesanais de Minas Gerais. E-mail: leticiarocheidp@gmail.com

Luana Fernandes dos Santos Azeredo: Assistente social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Pós-graduanda em Gestão Estratégica de Pessoas pela Universidade Cândido Mendes. Pós-graduanda em Serviço Social Contemporâneo pela UFF. Membro do Núcleo de Pesquisas e Estudos Socioambientais (NESA/UFF Campos). Técnica social do Programa de Educação Ambiental da Petrobras na Bacia de Campos. E-mail: luana.fernandes.rr@gmail.com

Luciano Lourenço: Doutorado em Geografia Física pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde é professor associado com agregação e diretor do Curso de Geografia do 1º Ciclo. Possui mais de três centenas de títulos publicados, sendo diretor da revista *Territorium* e das séries de publicações “Geografia[s]” e “Riscos e Catástrofes”, publicadas pela Imprensa da Universidade de Coimbra. É diretor do Núcleo de Investigação Científica de Incêndios Florestais (NICIF), coordenador nacional do Projeto de Sensibilização e Educação da População Escolar (PROSEPE) e coordenador do Grupo 1 - Natureza e Dinâmicas Ambientais e da Linha 2 - Riscos Naturais e Antrópicos, do Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT), das Universidades de Coimbra, Porto e Minho, e presidente da direção da RISCOS - Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança. E-mail: luciano@uc.pt

Marcello Silva da Costa: Coronel bombeiro militar (combatente) e secretário da Secretaria de Defesa Civil e Políticas de Segurança da Prefeitura de Duque de Caxias (RJ). Graduado pela Escola de Formação e Aperfeiçoamento de Oficiais do Corpo de Bombeiros (ESFAO-CBMERJ/1993); pós-graduado em Gerenciamento Estratégico nas Organizações (FESP/2009) e em Administração Escolar (Universidade Gama Filho/2002). E-mail: tcsilvacosta@gmail.com

Marco Antonio Sampaio Malagoli: Professor doutor em Psicologia Social e mestre em Recursos Florestais pela USP, professor adjunto do Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense em Campos dos Goytacazes (RJ). Vice-coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Socioambientais (NESA/UFF Campos). E-mail: marcomalagodi@id.uff.br

Mário Augusto Vicente Malaquias: Mestre em Direito do Estado pela PUC-SP e promotor de justiça de Habitação e Urbanismo na Comarca da Capital (São Paulo), Ministério Público do Estado de São Paulo. E-mail: mariomalaquias@mpsp.mp.br

Neusa Francisca Nascimento: Socióloga - UNIMONTES, 2001. Agente do Conselho Pastoral dos Pescadores. E-mail: neusafranc@gmail.com

Norma Valencio: Economista, mestre em Educação e doutora em Ciências Humanas. Professora aposentada do Departamento de Sociologia da UFSCar, onde fundou e coordenou o Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais em Desastres (NEPED). É professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Engenharia Ambiental da USP, onde leciona, pesquisa e orienta em Sociologia dos Desastres. É consultora científica em segurança humana e desastres, especialmente na área de defesa civil e proteção civil. E-mail: normaf@terra.com.br

Renzo Taddei: Professor da UNIFESP, onde atua no Departamento de Ciências do Mar, campus Baixada Santista, e no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, campus Guarulhos. Coordenador do Laboratório de Pesquisas em Interações Sociotecnicoambientais (LISTA). Doutor em Antropologia pela Universidade de Columbia, Nova York. É pesquisador associado do Comitatus Institute for

Anthropological Study e do Center for Research on Environmental Decisions, na Universidade de Columbia, em Nova York. E-mail: renzotaddei@gmail.com

Roberto do Carmo: Sociólogo, mestre em Sociologia e doutor em Demografia, com pós-doutorado na área de População, Ambiente e Distribuição Espacial. Professor do Departamento de Demografia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP) e pesquisador do Núcleo de Estudos de População (NEPO/UNICAMP), bolsista produtividade do CNPq. E-mail: roberto@nepo.unicamp.br

Samira Younes Ibrahim: Psicóloga e psicoterapeuta humanista-transpessoal. Coordenadora da Rede de Cuidados-RJ/Psicologia das Emergências e Desastres. Facilitadora de grupos e consultora na área hospitalar. Docente de Pós-graduação de Enfermagem em Nefrologia e pós-graduanda em Gerenciamento de Crises. E-mail: samirayounes@gmail.com

Sérgio Portella: Doutorando do Programa de Doutorado “Território, Riscos e Políticas Públicas”, oferecido pela Universidade de Coimbra, Universidade de Lisboa e Universidade de Aveiro, Portugal (conclusão: dezembro/2015). Mestre em Administração Pública pela Fundação Getúlio Vargas (RJ). Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense. Atualmente é assessor da presidência da Fundação Oswaldo Cruz. Integrante do Grupo de Pesquisa do Centro de Estudos e Pesquisas de Desastres em Saúde (CEPEDES/FIOCRUZ). Secretário executivo da Rede Nacional de Pesquisadores em Desastres. E-mail: sSPORTELLA@gmail.com

Simone Santos Oliveira: Pós-doutorado em Psicologia do Trabalho pela Faculdade de Psicologia e das Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal (2012); doutora em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz (2007); mestre em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz (1995) e graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (1985). Pesquisadora da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP/FIOCRUZ). E-mail: sssoliver@gmail.com

Thaís Lopes Côrtes: Graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense. Membro do Núcleo de Pesquisas e Estudos Socioambientais (NESA/UFF Campos). Membro do Grupo de Estudos sobre Exercício Profissional do Serviço Social (GETEPSS/UFF Campos). E-mail: thaíslopescoertes@gmail.com

Virgínia Garcia Acosta: Antropóloga social e historiadora mexicana. Professora-pesquisadora do CIESAS (Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social) desde 1974, tendo sido sua diretora acadêmica de 1997 a 2000 e subdiretora geral de 2004 a 2014. Membro da Academia Mexicana de la Historia, na qual ocupa a cadeira número 5, membro regular da Academia Mexicana de Ciencias e do Sistema Nacional de Investigadores. Áreas de especialidade: antropologia e história dos desastres e da alimentação. Publicou, como autora individual ou coordenadora, 24 livros e uma centena de artigos ou capítulos de livro no México e no estrangeiro. E-mail: vgarciaa@ciesas.edu.mx

Sumário

Apresentação	xi
--------------------	----

Seção I

Problematizações conceituais e práticas introdutórias sob a perspectiva de quatro distintas ciências

Risco, perigo e crise: pragmatismo e contextualização	3
<i>Luciano Lourenço</i>	
La construcción social de la prevención. Un concepto en construcción	45
<i>Virginia García-Acosta</i>	
Conflitos em contextos de desastres relacionados com as águas	57
<i>Antenora Maria da Mata Siqueira</i>	
Desastres normais: das raízes aos rumos de uma dinâmica tecnopolítica perversa	79
<i>Norma Valencio</i>	

Seção II

Singularidades analíticas e complementariedade entre diferentes abordagens disciplinares

Reino da necessidade <i>versus</i> reino dos direitos: desafios e impasses ao assistente social em contextos de desastres	123
<i>Dora Vargas</i>	
O ato de habitar a partir de um programa habitacional1	141
<i>Juliana Nazareno Mendes</i>	
Norma e anomalia em fenômenos climáticos na ecorregião de São Tomé	161
<i>Arthur Soffiati</i>	
A liberdade se equipara à vida	187
<i>Sergio Portella</i>	
Natureza e ambiente: o estudo dos desastres e a geografia	205
<i>Marco Antonio Sampaio Malagoli</i>	

Sentidos territoriais: a paisagem como mediação em novas abordagens metodológicas para os estudos integrados em riscos de desastres	229
<i>Antônio Miguel Vieira Monteiro, Claudia Paola Cardozo, Eymar Silva Sampaio Lopes</i>	
O enfrentamento individual, interpessoal e coletivo de idosos e familiares no contexto de desastre: o caso de Teresópolis (RJ)	261
<i>Aline Silveira Viana</i>	
Experiência e produção de saberes, possibilidades de superação das vulnerabilidades: reflexões acerca do desastre da região serrana do Rio de Janeiro	291
<i>Simone Santos Oliveira</i>	
O lugar do saber local (sobre ambiente e desastres)	311
<i>Renzo Taddei</i>	
População, riscos, vulnerabilidades e desastres: conceitos básicos	327
<i>Roberto Luiz do Carmo</i>	
Rede socioassistencial: contribuições para o debate sobre desastres relacionados com a água	335
<i>Alessandra Nascimento Bernardo, Luana Fernandes dos Santos Azeredo, Thaís Lopes Côrtes</i>	
Animais em contexto de desastre: o que podemos fazer para criar planos de contingência eficazes	355
<i>Layla Stassun Antonio</i>	
Memória social: fragmentos de um desastre	373
<i>Juliana Sartori</i>	

Seção III

Interpretações do meio técnico e da sociedade civil organizada

Serviço Municipal de Capelania Pós-Desastre: Ministério de Socorros em favor das vítimas de desastres	389
<i>Marcello Silva da Costa</i>	
O trabalho do Ministério Público do Estado de São Paulo: contribuições para o anteprojeto de Revisão do Plano Diretor Estratégico da Cidade de São Paulo	407
<i>Mário Augusto Vicente Malaquias</i>	

A empatia no olho do furacão	415
<i>Samira Younes-Ibrahim</i>	
Memória da Associação das Vítimas das Chuvas de Teresópolis (AVIT)	431
<i>Cláudio Carneiro</i>	
O desastre das águas em Ururaí: visão da Associação de Moradores sobre enchentes, urbanização, política, mobilização social e a busca do bem comum	437
<i>Jocimar Gonçalves Lisboa</i>	
Escassez da água? O ônus da não preservação das águas do “Velho Chico”	461
<i>Letícia Aparecida Rocha, Neusa Francisca Nascimento</i>	
Perigos ambientais e políticos relacionados com a água na Baixada Campista, pela visão da reforma agrária: “uma coisa tá ligada à outra”	481
<i>David Barbosa do Nascimento</i>	
Ações técnicas e governamentais no contexto de enchentes em Campos dos Goytacazes/RJ	509
<i>Edison Pessanha</i>	

Apresentação

Das várias ambiguidades que demarcam a vida social contemporânea, uma, em especial, chama a atenção: a que revela, pelos vários sistemas de objetos tecnológicos que cercam a vida cotidiana, que estamos plenamente imersos na Era da Informação, mas que, contraditoriamente, joga sobre nós um *tsunami* de informação sobre banalidades. Isso nos satura de tal sorte que a alienação decorrente não permite saltos qualitativos na difusão e apreensão do pensamento crítico, tampouco seus desdobramentos na melhoria do bem-estar social.

O mal-estar da civilização a que se referiu Freud há quase um século (1930) – como sendo, dentre outros aspectos, uma consciência cultural de culpa que impossibilita extrair felicidade de progresso técnico extraordinário – mostra-nos sua culminância neste início do século XXI: a ciência e a técnica humanas parecem poder levar-nos muito longe, como espécie, seja ultrapassando o Sistema Solar, seja interseccionando realidades presenciais e virtuais; porém, a lógica econômica concentracionista e as práticas políticas dominantes não permitiram que combatêssemos a contento a insegurança alimentar e hídrica a qual estão submetidas bilhões de pessoas ao redor do mundo. Freud entendia *civilização* como “*a inteira soma das realizações e instituições que afastam a nossa vida daquela de nossos antepassados animais e que servem para dois fins: a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação dos vínculos dos homens entre si*”. Contudo, adentramos o presente século com uma expiação civilizatória a cumprir, derivada do relativo consenso, na comunidade científica, de que as mudanças climáticas globais – e os eventos severos e extremos decorrentes – têm fortes causas antropogênicas. Os exuberantes avanços técnicos para controlar a natureza e pô-la a nosso serviço acarretaram efeitos colaterais que nos exigem reinventar os caminhos civilizatórios nas próximas décadas. Urge fazê-lo e, no entanto, segundo os especialistas, isso não nos livrará de um interstício no qual teremos de padecer entre riscos incomensuráveis e desastres catastróficos.

Tal contexto adverso coloca os riscos de desastres na mira daquilo que podemos discutir e tratar mais imediatamente, em termos preparativos e de resposta, por meio da mobilização de vários sujeitos, em diferentes escalas de inserção, com diferentes saberes e poderes úteis para proteger e resguardar os bens mais preciosos, segundo a escala de valores dos distintos grupos envolvidos. Isso torna atualíssima uma pauta de fortalecimento da ideia de proteção civil, de cuidado, de cidadania e de justiça. Entretanto, para lidar com essa pauta, com a seriedade com que a mesma merece ser

tratada, seria necessário um compromisso de suplantação da superficialidade em torno da informação. Não apenas do detalhamento do funcionamento da dinâmica ecossistêmica e da base física dependeria o sucesso da mitigação de prováveis danos e perdas coletivos e de grande monta, mas, sobretudo, de um tratamento analítico aprofundado acerca das especificidades socioculturais, sociopolíticas, socioeconômicas e psicossociais dos vários lugares e sujeitos sociais fragilizados.

Ter em conta, centralmente, a perspectiva das Humanidades para lançar luzes sobre o referido problema e refletir sobre as possibilidades de mudança, num contrabalanço ao debate atual excessivamente tecnicista e das ciências duras, é indispensável, uma vez que a estrutura e a dinâmica dessa sociedade multifacetada é que produzem e que serão perturbadas por tais crises. Os códigos de linguagem das Humanidades aproximam-nas do cerne dos graves desafios que poderão ser experimentados dentro em breve, assim como faz uma ponte importante, e de múltiplos acessos, junto àqueles que podem se reconhecer como parte do problema, como parte dos sistemas formais e informais de responsabilização gradual e, portanto, capazes de interagir, de modo consciente e consentido, com uma cota do esforço mobilizador em prol da proteção coletiva. Essa poderia ser uma oportunidade ímpar para que os sujeitos silenciados e degradados socialmente, ao longo da história (global, nacional, local), pudessem se exprimir livremente acerca das camadas de injustiças socioambientais que provocaram sua vulnerabilidade desproporcional; uma vez que tais desnivelamentos são passíveis de constatação, a discussão sobre estratégias de evitação de tragédias teria de perpassar medidas compensatórias aos mesmos. Daí por que a busca pelos fundamentos disciplinares – teóricos, conceituais e metodológicos – das Humanidades ser um ponto de partida à altura de tais desafios.

Apesar dessa imprescindível abordagem, ainda são raríssimos, no Brasil, os espaços de discussão sobre os riscos de desastres desde a perspectiva das Humanidades. Esta coletânea foi construída, assim, como uma dessas escassas oportunidades de reflexão aprofundada. Nela são reafirmadas ideias, mas também são trazidos novos elementos de reflexões, daquilo que foi discutido no Seminário Internacional **RISCOS DE DESASTRES RELACIONADOS À ÁGUA: aplicabilidade de bases conceituais das Ciências Humanas e Sociais para a análise de casos concretos**, ocorrido na Universidade Federal Fluminense – Campos dos Goytacazes, em novembro de 2014, numa parceria entre o NESA/UFF e o NEPED/DS/UFSCar.

De um lado, os autores aqui reunidos clarificam a problemática supramencionada e apresentam aspectos da valiosa contribuição de suas *disciplinas científicas* de origem – a saber, o serviço social, a sociologia, a antropologia, a geografia, a história, a gerontologia, a demografia –, além da contribuição inestimável dos *saberes empíricos* – oriundos de lideranças comunitárias de povos tradicionais e de movimentos rurais, de periferias urbanas e de afetados nos desastres –, de *saberes profissionais* – como da área da psicologia – e *saberes técnicos* – da área do direito e de defesa civil.

Cada qual trouxe uma visão, no mais das vezes, complementar, mas também controversa, sobre esse objeto complexo que é o dos *riscos de desastres relacionados à água*. Riscos se referem a uma vasta gama de relações socioambientais que podem, de modo súbito ou processual, entrar em descompasso, suscitando perturbações de diferentes intensidades na vida prática de uma dada coletividade, a qual, por seu turno, apresenta diferentes condições de preparação para enfrentá-los. *Desastres* sinalizam que esse algo é uma ocorrência socialmente muito adversa, com danos e prejuízos não somente coletivos, mas de difícil recuperação. E, se são *relacionados à água*, trata-se de possibilidades de perturbações socioambientais graves nas quais, sob diferentes modos – formas de manifestação, de acesso, de disponibilidade e de qualidade –, esse elemento natural aparece como fulcral nas relações sociais de coesão ou de conflito. De modo geral, os proponentes sinalizam, em suas reflexões, que os desastres manifestos e os riscos de desastres são problemas da maior importância e deveriam merecer prioridade de tratamento. Isso porque a realidade concreta e os estudos apontam para seu processo de incremento, seja em virtude dos episódios passados, que deixaram feridas mal cicatrizadas, seja porque a dinâmica espacial atual está em rota de colisão com os limites ecossistêmicos, já num ponto de não retorno.

Ademais, mais se sabe sobre esse objeto se uma abordagem polissêmica for favorecida, tal como se buscou no conjunto desta obra, o que, a nosso ver, se coaduna com a heterogeneidade socioambiental do país e, ainda, permite que casos e questões que transcendem o espaço geográfico brasileiro sejam trazidos para subsidiar o exercício de aplicação da base conceitual e metodológica à nossa realidade.

Pode-se dizer que os 25 capítulos que compõem esta coletânea orientaram sua contribuição, no geral, para a constituição de um necessário “glossário humanístico” para o entendimento dos riscos de desastres; quiçá, em prol do melhoramento do glossário ora excessivamente tecnicista de defesa civil e, assim, provocando uma reorientação da marcha

interpretativa para que a mesma sirva melhor à proteção civil. Nesse intento, as contribuições foram divididas em três seções.

A primeira seção, intitulada *Problematizações conceituais e práticas introdutórias sob a perspectiva de quatro distintas ciências*, reúne, em seus respectivos capítulos, as contribuições de quatro autores de três diferentes países (Portugal, México e Brasil) – Luciano Lourenço (Universidade de Coimbra), Virgínia Garcia-Acosta (CIESAS), Antenora Siqueira (UFF) e Norma Valencio (USP) – e tem por foco trazer as diretrizes conceituais de cunho mais geral, respectivamente, da geografia, da antropologia, do serviço social e da sociologia sobre o tema dos riscos e dos desastres.

A segunda seção, *Singularidades analíticas e complementariedade entre diferentes abordagens disciplinares*, traz as mesmas matrizes disciplinares acima e outras – como a história, a demografia, a gerontologia – e visa dar maior clareza sobre como as reflexões de caráter mais conceitual e metodológico se articulam com a análise de casos concretos em que as estiagens, secas, enchentes e inundações contextualizam as tensões sociais, os desafios à prática profissional, na configuração do espaço, como também na busca de novos eixos para a solidariedade entre humanos e além deles, como, por exemplo, com animais. São treze os capítulos reunidos nessa seção, cujos autores são oriundos de sete diferentes instituições brasileiras, a saber: Dora Vargas (UNIVERSO), Juliana Mendes (UFF), Arthur Soffiati (UFF), Sérgio Portella (Fiocruz), Marco Malagoli (UFF), Antônio Miguel Vieira Monteiro, Claudia Paola Cardozo e Eymar Silva Sampaio Lopes (INPE), Aline Silveira Viana (USP), Simone Oliveira (Fiocruz), Renzo Taddei (UNIFESP), Roberto do Carmo (UNICAMP), Alessandra Nascimento Bernardo, Luana Fernandes dos Santos Azeredo e Thaís Lopes Côrtes (UFF), Layla Stassun Antonio (USP) e Juliana Sartori (USP).

Por fim, a terceira e última seção traz as *Interpretações do meio profissional, técnico e da sociedade civil organizada* sobre os riscos e desastres, sendo oito capítulos produzidos por autores de oito diferentes inserções institucionais e comunitárias, a saber: Marcello Silva Costa (Secretaria Municipal de Defesa Civil de Duque de Caxias/RJ), Mário Augusto Vicente Malaquias (Ministério Público do Estado de São Paulo), Samira Younes Ibrahim (Rede de Cuidados – Psicologia das Emergências e Desastres/RJ), Cláudio Carneiro (AVIT), Jocimar Gonçalves Lisboa (Associação de Moradores de Ururaí, em entrevista a Marco Malagoli), Letícia Aparecida Rocha e Neusa Francisca Nascimento (UNIMONTES e Conselho Pastoral da Pesca/MG), Davi Barbosa do Nascimento (Associação de

Pequenos Produtores Rurais de Marrecas e Barbosa/Campos dos Goytacazes/RJ, em entrevista a Marco Malogoli) e, por fim Edison Pessanha (Coordenadoria Municipal de Defesa Civil de Campos dos Goytacazes/RJ, em entrevista a Jane Nunes).

Esperamos, assim, que o valor que porventura o leitor possa identificar em cada capítulo, que é uma expressão amostral de uma bagagem interpretativa mais vasta do respectivo autor sobre o problema, não o impeça de buscar o enovelamento entre as contribuições, as quais, em última instância, apontam para as incongruências e contradições do humano, na tessitura sócio-histórica de seu espaço e de suas relações sociais, desde o nível intersubjetivo ao de caráter institucional. Os autores apontam para o humano para nele, em seguida, fazer uma aposta mediante as inúmeras possibilidades de mudança de mentalidade, de luta e de enfrentamento visando ao rompimento com um destino coletivo potencialmente trágico.

Boa leitura!

Os organizadores



A empatia no olho do furacão

Samira Younes-Ibrahim

“*Eu vejo você*” é o que escuto e imediatamente interrompo o que escrevo. Percebo a sincronicidade do contexto: ao mesmo tempo em que ouço “*Eu vejo você*”, escrevo sobre empatia. Volto minha atenção para melhor entender o que acontece na sala ao lado: o filme *Avatar* na tela da televisão.¹ E minha audição capturou exatamente o momento do diálogo em que Neytiri fala para Jake: “*Eu vejo você*”, que em meu entendimento significa: eu percebo você, eu reconheço você, eu sinto você.

Penso nos motivos que me levaram a escolher refletir sobre Empatia e sua aplicação em emergências e desastres. O fato de ser um conceito vivo, uma habilidade que pode ser aprendida e desenvolvida por profissionais de diversos campos de saber, para utilização em emergências e desastres (EMEDES). E a confiança de que seja um potente instrumento para transformação das relações interpessoais, contribuindo para inserir a dimensão humana como ponto central das políticas e ações em EMEDES. A vivência como psicoterapeuta humanista transpessoal, com facilitação de grupos, e, posteriormente, o trabalho com indivíduos, comunidades, equipes multiprofissionais e poder público em situação de desastres confirmaram a pertinência de uma proposta de ação centrada na pessoa e na comunidade, em que a compreensão empática é uma das atitudes básicas.

É comum encontrar em EMEDES o pressuposto de que se sabe o que o outro precisa e quer, o que é melhor para ele, e, a partir daí, construir intervenções, legislações, ações, projetos, cursos. Mas é frequente o quanto tudo isso fica distante da realidade do outro e não representa o que ele sente e do que necessita.

Ao mesmo tempo, encontramos profissionais que, diante de uma situação de EMEDES, não sabem como agir, buscam respaldo em seu repertório profissional e não encontram resposta para lidar com situações impensáveis, em meio ao caos e à dor.

1. AVATAR. Direção do filme: James Cameron. Elenco: Zoe Saldana (Neytiri); Sigourney Weaver (Dra. Grace Augustine); Sam Worthington (Jake Sully) e outros. Estúdio Distribuidor: Fox Filmes do Brasil. Realização: EUA (2009).

A empatia

A princípio, Empatia é uma proposta de atitude aparentemente simples: aprender a se colocar no lugar do outro, “como se” estivesse no lugar do outro. Uma compreensão profunda da vivência do outro. Mas o simples é complexo, pois envolve grande aprendizado humano: o de verdadeiramente se sentir parte do universo interior da outra pessoa. Aprender a ouvir, sem pré-conceitos, sem analisar, sem julgamentos, sem críticas.

E o que é empatia?

Empatia **não** é compaixão, nem simpatia, nem pena, não é apenas sentir com o outro, não é solidariedade. E, também, não é utilizada para adoçar uma situação crítica ou os conflitos existentes.

O termo empatia vem da palavra grega “*empathia*”, com significado de “paixão” ou “ser muito afetado”. Um conceito utilizado na arte, na psicologia, na filosofia, nas ciências sociais, nas neurociências, dentre outros campos.

Diversos autores realizaram estudos e pesquisas sobre empatia, em diferentes áreas de conhecimento. Destacamos Frans De Wall (1948-atual), Jeremy Rifkin (1946-atual), Edith Stein (1891-1942), Carl Rogers (1902-1987), John Wood (1934-2004) e Joseph Chilton Pearce (1926-atual). A citação dos nomes não se dá por ordem de importância, mas por nossa trajetória de estudo.

Frans De Wall (2010) e Jeremy Rifkin (2010) dedicaram-se ao estudo da empatia, incluindo observação e pesquisa com animais. Evidenciaram, entre os animais, a presença de valores como solidariedade e espírito de grupo, dentre outros. Constataram que, normalmente, os animais não se abandonam, e com os chimpanzés confirmaram o respeito tanto pelo direito à posse quanto a cooperação no compartilhar a comida existente.

Em estudos com chimpanzés, De Wall confirmou como o vínculo é importante entre eles e, também, como preservam e privilegiam suas redes sociais. Pesquisas também mostraram como espécies se unem em momentos de perigo, como, por exemplo, os cardumes de peixes e os pássaros. Em outras observações, estudou a forma de cooperação existente no caso de cavalos selvagens e bois almiscarados. A ajuda mútua, a habilidade em resolução de conflitos e os papéis diferenciados de machos e de fêmeas nos grupos também foram estudados em algumas espécies como abelhas, formigas, babuínos e chimpanzés. Chama a atenção para a

solidariedade entre os animais, como, por exemplo, no caso de adoção entre mesmas espécies e, surpreendentemente, entre espécies diferentes.

Ainda demonstrou como os membros de tribos primitivas vivem de forma a privilegiar e preservar os laços e vínculos entre pessoas, deixando em evidência a importância da coletividade na distribuição de alimento, no cuidado entre seus membros, nas regras de convivência, nos rituais de passagem, na defesa quando sua tribo está ameaçada, na diferença entre gêneros. Aqui também incluímos os valiosos estudos da antropóloga Margareth Mead:

Desde que este livro foi escrito, passamos a considerar-nos, tão seriamente quanto possível, uma espécie de criaturas vivas, talvez mais inteligentes que nós. Essa possibilidade acrescenta novo valor à exploração de nossas próprias potencialidades – como membros de uma espécie, incumbida de preservar um mundo ameaçado. Cada diferença é preciosa e deve ser cuidada com carinho (MEAD, 1969, p. 14).

É importante não confundir empatia com benevolência. Tanto em animais quanto em humanos fica claro que a agressão e os conflitos fazem parte de suas histórias, mas não somente eles e não de forma gratuita (pelo menos no caso dos animais). No estudo da trajetória animal e humana, a cooperação, a solidariedade e o cuidado também aparecem como fazendo parte da história das espécies.

Em seus estudos, De Wall (2010, p.105) concluiu que: “Dessa vez, a palavra *empatia* é empregada sem aspas, refletindo o consenso cada vez maior de que o vínculo emocional entre indivíduos tem a mesma base biológica nos seres humanos e nos outros animais”.

Na filosofia, Edith Stein escolheu a empatia como tema para sua tese de doutorado, escreveu textos fundamentais para os estudiosos do tema, impactando seu próprio orientador, Edmund Husserl. Savian Filho, professor e coordenador do grupo de pesquisa “O Pensamento de Edith Stein” mostra como Stein utiliza um vocabulário de emoção e sentimento para falar de empatia: “[...] o que explicita o sentido literal do termo ‘empatia’, *Einfühlung*, trata-se da experiência ou do provar/sentir (*fühlen*) que faz penetrar na (*ein*) compreensão daquilo a que essa experiência remete, ou seja, a experiência (vivência) alheia” (SAVIAN Filho, 2014, p. 33).

Em seus textos, Stein utiliza a palavra *Wissen* (ato de ciência) para apresentar uma definição de empatia:

Ao falar de ‘saber’ referente à consciência alheia, Edith escolhe o termo *Wissen*. Com esse termo ela dá a chave de compreensão da empatia: não

se trata de uma intuição ou de uma simples emoção, mas de um saber do que se passa na consciência alheia, uma experiência da experiência alheia, um perceber aquilo que o outro vivencia, ou, ainda, um sentir o que sente o outro (SAVIAN Filho, 2014, p. 34).

Ainda segundo Savian (2014, p. 35): “Ao falar de ‘sentimento empatizado’, Edith não situa a empatia na ordem afetiva; ela se refere à certeza que é sentida pelo sujeito quando capta o sentido de algo; trata-se de uma experiência indecomponível que acompanha o trazer algo à consciência”. Tal vivência é valorosa para situações de EMEDES, pois a história nos mostra que temos urgência de mudança na forma como lidamos, conceituamos e planejamos as ações com relação a eventos de emergências e desastres. Uma mudança de paradigma não acontece de forma gradativa e branda e, para que isso aconteça, há necessidade de trazê-la para a luz da consciência; é o início da mudança. O trazer algo à consciência é uma vivência mágica, uma consciência da vivência integral e não fragmentada. Por isso é uma experiência intensa, transformadora e sem volta. Como dizia Thomas Kuhn, a ciência não se faz de forma linear, nem aos poucos, ela evolui por rupturas e crises.

Edith Stein destaca ainda a importância de não confundir empatia com percepção externa, pois a segunda é apenas parte do cenário e não a empatia. Ao contrário, pode distorcer a percepção da empatia. O aspecto da percepção externa merece atenção especial em emergência e desastre, em que a percepção visual (geográfica, física, territorial, traumas, etc.) evidencia marcadamente/traumaticamente o evento. Desafia o profissional ir além da forma, do corpo, do que está visível. A percepção externa pode ter efeito tendencioso e nos levar a fazer deduções e interpretações, pois, como dissemos, ela é apenas parte do todo. Para a filósofa: “A empatia, portanto, rigorosamente falando, não me põe dentro do outro, mas faz com que eu me dê conta do objeto de sua experiência (o ‘conteúdo’ conforme também diz Edith)” (SAVIAN, 2014, p. 38).

“Eu vejo você”

Na psicologia, Carl Rogers, destaque da psicologia humanista, considerou a empatia um dos pontos centrais de sua Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). Em seus estudos, o conceito de empatia evoluiu para o processo da Compreensão Empática, um dos pilares de seu trabalho, uma atitude para a prática da psicoterapia, do aconselhamento, da mediação de conflitos. A Autenticidade e a Aceitação Positiva Incondicional são os dois outros pilares e complementares à Compreensão Empática. O primeiro

pilar requer a Autenticidade na relação com o outro e consigo mesmo, a congruência presente nas relações. O segundo pilar, Aceitação Positiva Incondicional, pressupõe consideração integral e não condicional pelo outro. O processo de empatia presume a aceitação de forma incondicional e pontual. Elias Boainain Jr, estudioso da ACP, coloca a relevância das três atitudes facilitadoras da ACP:

Representam, em minha opinião, o maior tesouro da ACP. Três singelas atitudes que, à semelhança dos três desejos ou dons mágicos dos contos de fada, tornam tudo possível a quem as possui e manifesta. Presentes e percebidas em qualquer situação de bloqueio, limitação, incongruência, conflito e sofrimento psicológico, essas três atitudes, esse jeito de ser, por si só, tem o poder de transformar, restaurar e curar, propiciando e pondo em movimento a ação das naturais e intrínsecas tendências à auto-realização e crescimento positivo dos seres humanos (BOAINAIN, 1998, p. 176).

Rogers desenvolveu inúmeras pesquisas, contribuindo de forma preciosa para o estudo da empatia dentro do campo da psicologia: “Foi justamente enquanto Rogers desenvolvia sua abordagem centrada na pessoa que as mais importantes investigações sobre a empatia foram realizadas no âmbito da Psicologia da Personalidade” (WISPÉ, 1987) (SAMPAIO; CAMINO; ROAZZI, 2009, p. 214).

Para Rogers, a empatia envolve uma compreensão profunda e verdadeira, a aceitação plena do outro. Um desafio de aprender a viagem de ida até o mundo do outro *e aprender a viagem de volta para si mesmo*, sem a qual não é possível realizar o processo de empatia. Um processo que permite encontrar o que é melhor para o outro e não para si mesmo.

O estado de empatia ou de compreensão empática consiste em perceber corretamente o marco de referência interno do outro com os significados e componentes emocionais que contém, como se fosse a outra pessoa, mas sem perder nunca a condição “como se”. A empatia implica, por exemplo, sentir a dor e o prazer do outro como ele os sente e perceber suas causas como ele as percebe, mas sem perder nunca de vista que se trata da dor ou do prazer do outro. Se esta condição de “como se” está ausente, nos encontramos diante de um caso de identificação (ROGERS, 1978, p. 45).

É incontestável a potência da compreensão empática. Entrar no mundo do outro com esta qualidade tem poder de integrar a multidimensionalidade (física, mental, emocional, espiritual).

Estudiosos da ACP atualizaram a Abordagem incluindo em seus estudos a espiritualidade, já presente no final dos trabalhos de Rogers. Em outra oportunidade vamos nos dedicar a esse outro pilar.

Sobre o profissional e a relação com o outro

Inicialmente, o preparo para uma mudança na qualidade da relação com o outro requer, por parte do profissional, um olhar para si mesmo, verificando sua disponibilidade interna de entrega e abertura para o exercício da empatia. Dar-se conta dos sentimentos que tomam conta de si, da ansiedade, medos, angústia, entre outros. Entrar no *Espaço de silêncio*.

Silenciar significa abrir mão dos ruídos mais diversos que dispersam a atenção, tanto os ruídos externos como os ruídos internos. Importa estar em silêncio interno, mesmo quando o silêncio externo não é possível. É nesse silêncio que se pode ouvir a voz mais profunda, sutil e recôndita de cada um de nós. É nesse espaço que podemos encontrar-nos a nós mesmos (BASSO; PUSTILNIK, 2012, p. 51).

Silenciar-se internamente, pensamentos, sentimentos, avaliações, deduções, interpretações. Atenção plena para permanecer em sintonia sutil com o momento, estando integralmente presente no período que estiver “em relação”. Esse encontro é transformador. No preparo interno do profissional: percepção de seu próprio estado emocional e possíveis interferências; esvaziar-se de preconceitos e suposições sobre a pessoa ou situação. Preparo do corpo físico com exercícios de respiração e técnicas próprias para o ancoramento (sustentação emocional) das percepções que possam surgir pode potencializar o processo empático.

Num segundo momento, ocorre a possibilidade de tradução da percepção sentida, cuidando para não se deixar seduzir pela interpretação e pelas percepções do externo, como já colocamos anteriormente.

No terceiro momento, colocar em palavras e/ou atitudes o que o outro sente, mesmo quando ele está no caos; a tradução das palavras, sentimentos e sensações. A empatia nessas situações-limite tem o poder de resgate da saúde, de quem sou, de reconectar os fragmentos da identidade pessoal destrocada pelo desastre. É um instrumento de resgate emocional de quem passou ou está passando pelo caos do desastre.

Ainda nesse momento, é importante desenvolver a atenção flutuante, um estado que auxilia o profissional a transitar ao mesmo tempo da consciência de seu estado interno para a percepção do estado interno de quem

está diante dele, sem deixar de perceber o contexto no qual estão inseridos, mas sem se influenciar por ele.

Alguns perigos existem nesse caminho. A experiência de estar no lugar do outro, como elemento que desperta no profissional a consciência de que o desastre pode acontecer (ou já ter acontecido) com ele e/ou sua família, o que, dependendo de seu grau de amadurecimento, pode ser recebido como uma ameaça física e emocional. Em situações de EMEDES, abre-se um grande leque de ameaças: morte, perdas de entes queridos, dores, abandono, incapacidade, insegurança, impotência. Outro risco de grande gravidade: se perder no “como se” e não conseguir fazer o caminho de volta para si mesmo. É o risco de se perder no momento do outro, de se identificar com o outro e comprometer o trabalho, dando espaço para iatrogenias. Este termo, frequentemente utilizado na área médica, foi ampliado para a ação de outros profissionais. Trata da produção de dano físico e/ou psíquico resultante da atuação equivocada do profissional na relação com seu cliente. Assim, a importância de se fazer a aprendizagem do processo de empatia com um profissional empático e com larga experiência no tema.

A boa notícia é que a postura empática pode ser ensinada aos profissionais. De acordo com Rogers (1977, p. 79): “É extremamente encorajador saber que esta característica sutil e fluida, de importância fundamental na terapia, não é um ‘dom’, mas pode ser aprendida num clima empático e muito rapidamente”.

Para quem vivencia a empatia em emergência e desastre:

O processo de empatia possui ação reestruturante em rupturas emocionais (não preexistentes) causadas pela situação de desastre. A possibilidade do outro, naquele momento, ser resgatado do caos das EMEDES e se reconectar como ser humano – alguém entende o que estou sentindo mesmo que não esteja completamente claro para mim, no estado que estou, vivendo uma situação tremendamente caótica, um sofrimento dilacerante, culpas, raiva, impotência, medo, covardia, etc. Como as situações relatadas a seguir: “Vi corpos e corpos nus e não senti nada, não sei o que senti” (mulher desabrigada, dias após deslizamento e enchente que cobriu sua comunidade); “estava tudo escuro e só ouvi gritos, pessoas pedindo ajuda, vozes que conhecia, mas não pude fazer nada” (homem em abrigo temporário); “estava escuro e eu só vi fogo descendo do céu. Achei que o mundo estava acabando” (relato de morador de região atingida

meses após a catástrofe). Ou, ainda, o alívio por estar vivo acompanhado da dualidade de sentimentos: alegria e culpa.

É comum a sensação de estranhamento e posteriormente o alívio quando os afetados (comunidades e equipes) se sentem realmente compreendidos. Como se falassem: eu me estranho neste momento, perdi minhas referências, mas alguém me vê, me percebe, sem julgamentos, sem críticas, me entende e me aceita como realmente estou, mesmo que seja completamente diferente de quem eu sou.

Com igual intensidade, a postura de não avaliar, não julgar, não rotular com diagnósticos mostra compreensão e congruência, pois o anormal é o desastre vivido e não o comportamento daquele que o vive. Assim, inicialmente, é normal ter reações diferentes de seu dia a dia anterior ao desastre, tais como insônia, chorar, gritar, estar apático, emudecer, isolar-se, não querer ficar só, ter medo do escuro, sentir culpa, raiva, impotência, entre outros. E lembrar que não é possível padronizar reações.

A empatia contribui para o resgate da identidade e/ou manutenção da sanidade no meio do caos. Perceptível no relato de uma mãe após a catástrofe de 2011 na região serrana (RJ): “[...] durante a noite acordei com um estrondo [...] demorou para entender [...] corremos para tirar as crianças. O padrinho de meu filho estava com ele no sofá [...] sumiram e não ouvi mais nada [...] é pensando agora [...] pelo menos ele não estava sozinho. Ele adorava o padrinho”.

[...] a compreensão baseada numa alta sintonia por parte de outra pessoa confere ao receptor sua qualidade de pessoa, sua identidade. Laing (1965) afirmou que ‘o sentido de identidade requer a existência de outra pessoa que nos conheça’ (p. 139). Buber também referiu-se à necessidade de termos nossa existência confirmada por outra pessoa. A empatia proporciona esta confirmação necessária de que existimos como pessoa individual, valorizada e possuidora de uma identidade (ROGERS, 1977 p. 82).

Diante da violência, da dor, da impotência, do impensável que compromete a sanidade do indivíduo, a presença empática possibilita a reconstrução de sentido e a reconexão com a dimensão humana.

Ele vinha ao centro de cidadania (local onde estava centralizado o atendimento de saúde no desastre) todos os dias, ficava só andando e olhando. Perguntei se precisava de algo, se estava machucado, e ele disse não e continuou calado. Só depois de alguns dias conseguiu se aproximar e

contar que tinha perdido todos os familiares. Só ele sobreviveu (relato de enfermeira voluntária).

Fica claro que a empatia é uma técnica sutil, na qual o profissional com a postura empática ajuda na percepção e significação pessoal do momento vivido pelo outro. Técnica que deve ser acompanhada de muita delicadeza e precisão, pois o revelado e trazido à consciência deve ser apenas o que o outro mostra, nem mais, nem menos. Seu ensinamento para profissionais de EMEDES não tem objetivo psicoterápico, mas tem efeito terapêutico. Por este motivo, não cabe aqui aprofundar a técnica da empatia na psicoterapia, processo com outras características multidimensionais, que inclui outras percepções, atitudes e manejo por parte do psicoterapeuta.

A empatia também pode ser aplicada à situação de grupos em emergências e desastres, como no caso de abrigos. John Wood, também estudioso da Abordagem Centrada na Pessoa, ressalta: “Assim, a tarefa do terapeuta (ou de qualquer outro participante na atividade centrada na pessoa) vem a ser não ‘oferecer’ ou ‘fornecer’ empatia, nem mesmo expressar a compreensão empática, mas *facilitar o fenômeno* da compreensão empática” (WOOD et al., 1994, p. 234). Um profissional com larga experiência no processo de empatia pode facilitar a multiplicação de um clima empático na formação de abrigos provisórios, local usualmente recheado de conflitos entre os afetados e também na relação com a equipe presente e com o poder público. A empatia é um potente instrumento para saber quais as necessidades dos abrigados e para nortear como lidar com o assédio da mídia e curiosos, as inúmeras solicitações que chegam aos abrigados (documentação, formulários, fichas, visitas, doações, etc.). A atual estrutura desenvolvida na política de construção de abrigos provisórios não contribui para a reestruturação do indivíduo, ao contrário, colabora com a desestruturação pessoal e das redes sociais. É o “EU NÃO VEJO VOCÊ”. Um artigo com reflexões sobre a questão de abrigos provisórios foi apresentado no trabalho “Abandono: o grande desastre”, disponível no caderno virtual da Rede Waterlat-Gobacit, *Desastres Relacionados com Água*.²

Acrescentamos outro campo de saber para nossa reflexão sobre empatia. A neurociência revolucionou o mundo científico com a descoberta dos neurônios-espelho e com o mesmo impacto coloca outra variável para a compreensão da empatia. Segundo Chilton Pearce (2009, p. 26),

2. WATERLAT-GOBACIT. Cadernos de Trabalho *Desastres Relacionados com Água*. v. 1, n. 1. Disponível em <<http://waterlat.org/WPapers/WPSATADNo1.pdf>>.

neurônios-espelho são “[...] grandes agrupamentos de células espalhados por todo o cérebro que, sem nos darmos conta, automaticamente espelham ou gravam vários aspectos do mundo ao nosso redor, encerrando-os em nossa memória e nosso processo cognitivo”. Em seus estudos mostrou a ligação entre cultura e biologia e sua influência para a educação entre as gerações, realizada por meio de ‘trocas sociais, imitação e observação’. Ainda em seus estudos pontua que:

‘Emoções sociais como culpa, vergonha, orgulho, constrangimento, desgosto e prazer se baseiam num sistema tipicamente humano de neurônios-espelho encontrado numa parte do cérebro chamada ínsula’, relata Christian Keysers, que estuda a base neuronal da empatia na Universidade de Groningen, na Holanda (PEARCE, 2009, p. 26)..

Assim, continuamente transferimos padrões de geração para geração, que pode significar apenas repetições dos padrões familiares e sociais/culturais ou ser a oportunidade de caminhar para um processo de mudança de padrão. E mais. Por meio dos neurônios-espelho uma pessoa pode ativar na mente de outra a repetição da mesma ação fazendo com que ela sinta no cérebro a ação. Uma colaboração da biologia para o entendimento do emaranhado da multidimensionalidade do estudo da empatia.

A empatia no olho do furacão

No início deste texto, falo de uma esperança de mudança nas relações em emergências e desastres. Vivemos uma fase de mundo na qual são privilegiados valores que reforçam relações individualizadas, em que a competição é um valor incentivado e desenvolvido na educação, na sociedade. O exercício de resolução de problemas é feito pensando no bem-estar pessoal e não inclui o comunitário. Uma sociedade na qual é comum culpar e responsabilizar os afetados pelos desastres. Que estranho!!!

Uma estratégia corriqueira é de se acusar as vítimas. Se se pode atribuir aos pobres a responsabilidade por sua pobreza, os demais ficam isentos de culpa. Foi isso que permitiu que, passado um ano do Katrina, Newt Gingrich, um conhecido político conservador, recomendasse uma investigação sobre a ‘falta de cidadania’ dos que não haviam logrado escapar do furacão (DE WALL, 2010, p. 17).

No Brasil, também é comum o discurso de que as vítimas são as responsáveis por seu próprio desastre, pois moram em ‘área de risco’ (como

se tivessem outras opções), ou porque nasceram no sertão, ou porque não fiscalizaram se o local onde estavam era seguro. E por aí continua.

Praticamos a superlotação do planeta Terra, o consumismo, as ameaças (falta comida, água, moradia), os conflitos com as diferenças (sociais, políticas, religiosas). A vida humana valendo pouco ou quase nada. Não há como falar desse desastroso estado das relações sem falar em ética. É um importante momento de reflexão sobre os valores que pautam as relações em nosso mundo. A atitude empática é fundamental para o despertar de uma ética com outros princípios na relação com o outro, com a terra, com o planeta: respeito, cuidado, inclusão, amor, cooperação, acolhimento. Entrar no universo do outro com a qualidade da empatia é profundamente ético.

Para além de qualquer ofício e atividade profissional, uma vez que o conceito de empatia for apreendido em todo o seu significado, em nível mais abstrato, não se poderá deixar de antecipar que, se toda conduta ética é uma conduta em relação ao outro, toda ética implica um fundo empático (BARREIRA, 2014, p. 55).

Ou deveria implicar.

As palavras do psicólogo Carl Rogers, registradas há anos, ainda ecoam como atuais:

A dimensão sócio-econômica, a dominação tecnológica, a irrelevância da própria vida humana e da participação pessoal nos acontecimentos são as marcas registradas de nossa época. Mas há, diz Rogers, algo em todo homem que pode ser preservado, desenvolvido, liberado para além dos elos que se empenham em reduzi-lo a um ser condicionado, conformista, rendido, humilhado e tantas vezes subserviente ou explorado. E a liberação mais autêntica dos indivíduos, quer nas escolas, nas empresas ou na família, poderá ser uma das chaves propulsoras para uma sobrevivência mais humanizada do homem (ROGERS, 1977, p. 5).

A diferença da empatia entre gêneros fica evidente tanto nos estudos entre animais quanto nos estudos com humanos. As fêmeas mostram-se com tendências mais empáticas do que os machos, o que se confirma em nosso dia a dia em EMEDES, o que não quer dizer que o masculino não seja empático. A subjetividade do tema empatia torna difícil a pesquisa. Mas fica evidente como futuramente o estudo da práxis vai nos dar respostas.

Acredito na empatia como um dos instrumentos para a transformação das relações interpessoais, pois é mais do que uma técnica e um instrumento. É uma postura na vida com potencial para transformar as relações. Multiplicar a atitude empática em emergências e desastres pode resultar em ações e políticas mais justas e humanas e levar a outra configuração das relações de poder. É uma tarefa silenciosa e revolucionária. O processo de empatia transforma tanto quem está no lugar de quem empatiza quanto quem está no lugar de quem recebe a empatia. Nenhum dos dois permanece igual após esse encontro verdadeiro. Temos a oportunidade de transmitir outros padrões para as futuras gerações.

Para concluir, sem finalizar, assisti a uma reportagem em um telejornal, um exemplo que mostra total falta de empatia, o “Eu não vejo você”.³ A chamada inicial dizia que os índios Yanomamis venceram uma luta de 40 anos. Nos anos 60, quase três mil amostras de sangue dos índios foram encaminhadas para os Estados Unidos, sem autorização dos indígenas. Desde a descoberta desse abuso, os índios lutam na Justiça pelo direito de reaver as amostras. E, finalmente, elas foram devolvidas após batalha judicial e chegaram ao Brasil em abril de 2015. Os Yanomamis acreditam que, quando eles morrem, precisam enterrar tudo que é seu para que sua alma descanse em paz. Após *quarenta anos*, a tribo está celebrando com emoção e rituais de dança. Reverencio o respeito à sua cultura, a seus direitos. Celebro com eles o “Eu vejo você”.

Uma poesia... ou uma oração... de Mario Quintana.

Ninho do Tuiuiú nas margens do Rio Paraguai

Dizem que a história é a mestra da vida. Mas como é que seus protagonistas incorrem sempre nos mesmos erros? Destruição. Fome. Guerra. Parece que não adiantou em nada os exemplos das reprovações anteriores. Que rede de segurança, pensamos nós, cheios de esperança, que rede de segurança nos aparará?

Quando a água desaparecer, que será do homem, que será das coisas, dos verdes e bichos? Que será de Deus?

3. BOM DIA BRASIL. Disponível em <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/videos/t/edicoes/v/indios-yanomami-fazem-festa-apos-recuperar-amostras-de-sangue/4088755/>. Acesso em: 6 abr. 2015.

Nós devemos ir movendo as peças, sem esquecer que, embora as partidas pareçam variar ao infinito, o movimento de cada peça é único e as regras do jogo são imutáveis.

Terra, te proteja o Homem, conservando sempre:

O mais puro cristal de tuas fontes!

O verde único de tuas folhas.

O ninho do Tuiuiu no Pantanal...

Referências

AVATAR. Direção do filme: James Cameron. Elenco: Zoe Saldana (Neytiri); Sigourney Weaver (Dra. Grace Augustine); Sam Worthington (Jake Sully) e outros. Estúdio Distribuidor: Fox Filmes do Brasil. Realização: EUA (2009).

BACELAR, A. (Org.). **A psicologia humanista na prática: reflexões sobre a abordagem centrada na pessoa.** Palhoça: Ed. Unisul, 2010.

BANDEIRA, E. (Org.). **Carl Rogers no Brasil.** São Paulo: GRD Edições, 2012.

BARCELÓ, T. **Entre personas: una mirada cuántica a nuestras relaciones humanas.** Madrid: Desclée de Brouwer S.A., 2008.

_____. **Crescer em grupo: una aproximación desde el enfoque centrado em la persona.** Sevilla: Desclée de Brouwer S.A., 2010.

BARREIRA, C. R. A Bela Adormecida e outras vinhetas: a empatia, do corpo a corpo cotidiano à clínica. In: SALVIAN, J. F. (Org.). **Empatia, Edmund Husserl e Edith Stein: apresentações didáticas.** São Paulo: Edições Loyola, 2014. p. 53-93.

BASSO, T; PUSTILNIK, A. **Metodologia da dinâmica energética do psiquismo.** São Paulo: Theba Book, 2012.

BOAINAIN Jr, E. **Tornar-se transpessoal.** São Paulo: Summus, 1998.

BOHM, D. **Diálogo, comunicação e redes de convivência.** São Paulo: Palas Athena, 2005.

BOM DIA BRASIL. Disponível em <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/videos/t/edicoes/v/indios-yanomami-fazem-festa-apos-recuperar-amostras-de-sangue/4088755/>. Acesso em: 6 abr. 2015.

BRAZIER, D. **Más allá de Carl Rogers.** Madri: Desclée De Brouwer, 1997.

BUBER, M. **Sobre comunidade.** São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. **Eu e tu.** São Paulo: Centauro, 2004.

CAPRA, F.; LUISI, P. L. **A visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas.** São Paulo: Cultrix, 2014.

CESAR, B. **O livro das emoções: reflexões inspiradas na psicologia do budismo tibetano**. São Paulo: Gaia, 2005.

CHÖDRÖN, P. **Os lugares que nos assustam**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

CYRULNIK, B. e MORIN, E. **Diálogo sobre a natureza humana**. São Paulo: Palas Athena, 2012.

DE WALL, F. **A era da empatia: lições da natureza para uma sociedade mais gentil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

JEAMMET, P; CONSOLI, S. e RAYNAND, M. **Manual de Psicologia Médica**. São Paulo: Masson do Brasil, 1989. p. 365.

KHUN, T. **A Estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.

KIRSCHENBAUM, H. e HENDERSON, V. **The Carl Rogers reader**. New York: Houghton Mifflin Company, 1989.

MEAD, M. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969.

PEARCE, J. C. **O fim da religião e o renascimento da espiritualidade**. São Paulo: Cultrix, 2009.

QUINTANA, M. **Os últimos textos de Mario Quintana: água/water/agua**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

RIFKIN, J. **La civilización empática: la carrera hacia una conciencia global en un mundo en crisis**. Madrid: Paidós Estado y Sociedad, 2010.

ROGERS, C. **Terapia, personalidad y relaciones interpersonales**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1978.

_____. **Grupos de encontro**. São Paulo: M. Fontes, 1994.

_____. **Um jeito de ser**. São Paulo: M. Fontes, 1997.

_____; ROSENBERG, R. **A pessoa como centro**. São Paulo: EPU, 1977.

_____ et al. **Em busca de vida: da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa**. São Paulo: Summus, 1983.

ROSENBERG, M. B. **Comunicação não-violenta**. São Paulo: Agora, 2006.

SAMPAIO, L; CAMINO, C; ROAZZI, A. Revisão de aspectos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 212-227, 2009.

SANTOS, A. et al. **Quando fala o coração: a essência da psicoterapia centrada na pessoa**. São Paulo: Vetor Editora, 2004.

SAVIAN Filho, J. A empatia segundo Edith Stein: pode-se empatizar a “vivência” de alguém que está dormindo. In: _____. (Org.). **Empatia, Edmund Husserl e Edith Stein: apresentações didáticas**. São Paulo: Edições Loyola, 2014. p. 29-52.

SHELDRAKE, R.; FOX, M. **Ciencia y espiritualidad**: la nueva vision. Buenos Aires: Kier S.A, 1999.

WATERLAT-GOBACIT. **Cadernos de Trabalho Desastres Relacionados com Água**. v. 1, n. 1. Disponível em: <http://waterlat.org/WPapers/WPSATADNo1.pdf>.

WELWOOD, J. **Em busca de uma psicologia do despertar**: budismo, psicoterapia e o caminho da transformação espiritual e individual. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

WILBER, K. **Los tres ojos del conocimiento**: la búsqueda de un nuevo paradigma. Barcelona: Kairós, 1990.

WOOD, J. et al. **Abordagem Centrada na Pessoa**. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida/Universidade Federal do Espírito Santo, 1994.